

# **XVIII CONGRESSO DA ALFAL**

**Bogotá, 24 a 28 de julho de 2017**

## **PROJETO 20**

### **ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

#### **PROGRAMAÇÃO**

**A ser desenvolvida nos dias 25, 26 e 27 de julho de 2017**

##### **1º. DIA – Terça-feira, 25, 09:00h-12:00h**

- 1 Aline Farias (UFRJ); Dinah Callou (Orientadora, UFRJ). **Sobre duração vocálica e apagamento do rótico em coda silábica: uma análise acústica**
- 2 Ingrid Oliveira (UFRJ); Carolina Serra (UFRJ). **Apagamento do *r* em coda silábica externa: a Região Sul do Brasil**
- 3 Dinah Callou (UFRJ); Aline Farias (UFRJ); Bruna Martins (UFRJ) **A propósito da concordância verbal e das origens do português brasileiro**
- 4 Josane Moreira de Oliveira (UEFS). **O imperativo verbal no Nordeste brasileiro: um caso de variação e mudança linguística**

## **2º. DIA – Quarta-feira, 26, 09:00h-12:00h**

1. Mayra Santana (UFRJ); Karilene da Silva Xavier (UFRJ). **Variação e prosódia no *corpus* do ALiB: uma análise dos róticos em coda nas capitais do sul do Brasil**
2. Priscila Francisca dos Santos (UFRJ). **A variação entonacional no Rio Grande do Sul: as interrogativas totais**
3. Beatriz Aparecida Alencar (UFMS). **Denominações para 'bolinha de gude' no estado de São Paulo a partir de dados do Projeto ALiB: panorama e análise**
4. Marcela Moura Torres Paim (UFBA). **Os fraseologismos no campo semântico *convívio e comportamento social* nas capitais do Brasil**

## **3º. DIA - Quinta-feira, 27, 09:00h-12:00h**

1. Conceição de Maria de Araujo Ramos/UFMA; José de Ribamar Mendes Bezerra/UFMA; Flávia Pereira Serra/UFMA. **Um estudo da variação denominativa da *banana gêmea* com base nos dados do ALiB.**
2. Fabiane Cristina Altino (UEL). **As denominações de *pão francês* nas Regiões Sul e Sudeste.**
3. Georgiana Márcia Oliveira Santos (UFMA). **A variação no *campo* semântico-lexical *vestuário e acessórios*: uma abordagem geossociolinguística com base no *corpus* constituído para o ALiMA**
4. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL/CNPq). **Uma análise da variação lexical no campo da vida urbana.**

# RESUMOS

Aline Farias ([alinefarias@gmail.com](mailto:alinefarias@gmail.com))

Orientadora: Dinah Callou ([dcallou@gmail.com](mailto:dcallou@gmail.com))

Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **SOBRE DURAÇÃO VOCÁLICA E APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA: UMA ANÁLISE ACÚSTICA**

O trabalho busca estabelecer uma correlação entre o fenômeno do apagamento variável do rótico em posição de coda silábica final e a configuração fonológica da sílaba no português brasileiro. A amostra utilizada faz parte do *corpus* do Projeto ALIB (<https://alib.ufba.br/>) e compõe-se de elocuições de fala espontânea de quatro falantes de Teresina/PI e quatro de Correntes/PI, com até o 5º ano do ensino fundamental. Além de confirmar hipóteses sobre a influência de fatores linguísticos e sociais na aplicação da regra variável de apagamento do rótico — dentro da perspectiva da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994) — propõe-se uma análise acústica, por meio da qual serão analisadas as unidades de duração da sílaba (moras), visando a responder a como se daria a (re)organização temporal da sílaba quando ocorre a queda do segmento. Hyman (1985) postula que uma sílaba pesada possui duas unidades temporais: uma mora que estaria associada ao onset + núcleo e outra que estaria relacionada à consoante em coda. Caberia indagar se, quando ocorre a queda do segmento em coda, (i) a unidade temporal seria mantida, através de um possível alongamento compensatório da vogal, ou (ii) esta unidade temporal desapareceria. Estudos acústicos sobre a aquisição do constituinte coda revelam que o “alongamento compensatório” é uma estratégia de reparo temporal, em que o falante alonga a vogal que antecede o segmento em coda, com o objetivo de manter a unidade temporal da sílaba (MEZZOMO, 2003). Busca-se verificar se tal comportamento se reflete na fala espontânea de indivíduos adultos. Os resultados preliminares, relativos aos falantes nascidos em Teresina, apontam para um possível prolongamento da vogal: a média duracional da vogal da sílaba em que rótico é foneticamente realizado, é de **0,185 segundos**, enquanto a média da vogal, quando se dá o cancelamento do segmento, é de **0,261 segundos**, ou seja, a duração da vogal sem a preservação do *R* é 41% maior.

Beatriz Aparecida Alencar ([bia83\\_12@hotmail.com](mailto:bia83_12@hotmail.com))

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## **DENOMINAÇÕES PARA 'BOLINHA DE GUDE' NO ESTADO DE SÃO PAULO A PARTIR DE DADOS DO PROJETO ALIB: PANORAMA E ANÁLISE**

A importância dos entretenimentos infantis e, conseqüentemente do lúdico, manifesta-se por meio de jogos e diversões infantis que, por sua vez, revelam aspectos da cultura de uma comunidade de falantes, inclusive na norma lexical desse grupo social. Este estudo tem como objetivo analisar as denominações para o conceito expresso na pergunta “como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” – pergunta 156 que integra a área semântica dos *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Para tanto são examinados os dados coletados pelo Projeto ALiB nas 37 localidades relativas à rede de pontos no Estado de São Paulo, além dos oriundos das 10 cidades limítrofes com a fronteira de São Paulo (uma em Mato Grosso do Sul, três no Paraná, quatro em Minas Gerais e duas no Rio de Janeiro), região neste estudo considerada área de controle. Foram, enfim, examinadas as respostas fornecidas por 192 informantes, quatro de cada uma das localidades situadas no interior e oito na capital paulista, de ambos os sexos, de duas faixas etárias (10-30; 50-65), com grau de escolaridade universitário na cidade de São Paulo e até o ensino fundamental completo, no interior e na capital. O estudo pauta-se em pressupostos teóricos da Dialetoлогия e da Lexicologia, ancorando-se também em fundamentos da Semântica, da Etnolinguística e da Antropologia Linguística. A análise busca demonstrar, com base no recorte da questão investigada, a inter-

relação entre léxico, cultura e a história social que singulariza o Estado de São Paulo, além de traçar possíveis áreas dialetais de uso das variantes lexicais documentadas.

**Conceição de Maria de Araujo Ramos ([conciufma@gmail.com](mailto:conciufma@gmail.com))**

**José de Ribamar Mendes Bezerra ([comendesufma@gmail.com](mailto:comendesufma@gmail.com))**

**Flávia Pereira Serra ([flaviapserra@gmail.com](mailto:flaviapserra@gmail.com))**

**Universidade Federal do Maranhão**

#### **UM ESTUDO DA VARIAÇÃO DENOMINATIVA DA BANANA GÊMEA COM BASE NOS DADOS DO ALiB**

Este trabalho enfoca o léxico sob uma perspectiva dialetal, com base em dados orais coletados *in loco*, para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Tomamos o questionário Semântico-Lexical do ALiB (QSL), mais especificamente o campo temático *atividades agropastoris*, com o objetivo geral de mapear as denominações referentes ao conceito expresso na pergunta 43 – “Como se chamam duas bananas que nascem grudadas?”. Objetivamos, ainda, analisar essas denominações não só do ponto de vista diatópico, mas também diastrático. A análise das unidades lexicais extraídas das respostas dos informantes selecionados fundamenta-se nos princípios da Geolinguística, da Dialetoлогия e da Lexicologia. Dicionários gerais da língua portuguesa e obras regionais também subsidiam a análise. O estudo apresenta formas variantes que fazem parte do léxico ativo de sujeitos naturais das 25 capitais brasileiras integrantes da rede de pontos do ALiB. Considerando a totalidade dos dados, a forma *gêmeas* (~ *gêmis*), presente nas cinco regiões brasileiras, representa mais da metade das respostas obtidas, sendo seguida pelas variantes *filipe* (~ *filipinho*), *côen* (~ *côins*), *mabaça*, *pregada* (~ *pegada*), *colada*, *grudada*. Essa diversidade de formas registradas pelo ALiB ratifica a inestimável contribuição que os atlas linguísticos podem dar para que tenhamos um conhecimento mais circunstanciado do léxico do português brasileiro.

**Dinah Callou ([dcallou@gmail.com](mailto:dcallou@gmail.com))**

**Aline Farias ([alinefarias@gmail.com](mailto:alinefarias@gmail.com))**

**Bruna Martins ([brunalara100@hotmail.com](mailto:brunalara100@hotmail.com))**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

#### **A PROPÓSITO DA CONCORDÂNCIA VERBAL E DAS ORIGENS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Neste trabalho observa-se a variação da concordância verbal (os meninos estudam/ os meninos estudaØ) na fala de indivíduos com diferentes graus de escolaridade (maior ou menor que 9 anos), em 17 capitais do Brasil. A amostra foi extraída de entrevistas informais do *corpus* do Projeto ALiB, distribuídos por faixa etária e gênero. A análise busca identificar marcas de concordância dos verbos na 3ª pessoa do plural e, para isso, baseamo-nos no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994), fazendo uso do programa Goldvarb2001.

Esse tema, amplamente analisado, é utilizado na discussão sobre o estabelecimento das origens do português brasileiro e pretende-se aqui contribuir para mostrar que a dicotomia “deriva secular” (variação seria embrionária no PE) *versus* “contato” (resultante do intenso contato linguístico, por transmissão irregular da língua) acaba por deixar de lado alguns questionamentos e não faz jus à complexidade sociohistórica da implantação da língua portuguesa no Brasil. O apagamento da marca mostrou-se sensível a condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, tais como, grau de animacidade do sujeito, distanciamento do sujeito para o verbo, posição do sujeito na oração, saliência fônica, faixa etária e região.

O caráter inovador do trabalho reside em procurar relacionar o percentual de ocorrência do processo a indicadores demográficos e história social das comunidades. É necessário verificar se as características atestadas no português brasileiro, que o afastam do português europeu, estão presentes em todas as áreas do nosso território ou só naquelas em que predominou a presença africana. Até o momento, o que vimos comprova que o processo apresenta comportamento e regras semelhantes de uso, na chamada fala culta e não-culta, no país todo, com diferenças apenas nos índices percentuais.

Fabiane Cristina Altino ([fabiane\\_altino@uol.com.br](mailto:fabiane_altino@uol.com.br))  
Universidade Estadual de Londrina

#### **AS DENOMINAÇÕES DE PÃO FRANCÊS NAS REGIÕES SUL E SUDESTE**

Os primeiros 50 anos da Geolinguística no Brasil consolidaram os estudos dialetológicos. Avanços metodológicos, pesquisas que recobrem o território nacional e a publicação dos primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB trouxeram o reconhecimento para a Geolinguística brasileira e propiciaram um salto quantitativo e qualitativo nos estudos da área. Publicados os primeiros dados do Projeto ALiB, é hora de “debruçar-se” sobre os registros, analisá-los e devolver os resultados para a apreciação da comunidade. Esta comunicação insere-se nesta perspectiva e busca fazer o levantamento das designações dadas pelos informantes das Regiões Sul e Sudeste para a questão 186 do Questionário Semântico Lexical, na área semântica da Alimentação e Cozinha que verifica as denominações para o conhecido *pão francês*. O objetivo geral delimitado para esta pesquisa é o de apresentar a cartografia da distribuição diatópica das variantes para o pão feito com farinha branca e de formato oblongo. Para esta comunicação, são estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) descrever e analisar as variantes registradas sob a perspectiva da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1998). As variantes serão analisadas e descritas com base nas variáveis estabelecidas pelo projeto: sexo e faixa etária. Para o interior o ALiB estabelece apenas a escolaridade fundamental dos informantes. (ii) cotejar os dados registrados nas capitais referentes às escolaridades selecionadas no projeto (fundamental e superior). (iii) verificar a lexicalização das formas linguísticas coletadas nas localidades estudadas. (iv) verificar a resistência de variantes, observada a partir da dimensão rural X urbana. Os resultados parciais apontam para a diversidade de variantes motivadas pela religião ou pela colonização. Desse modo, espera-se estabelecer um panorama da variação linguística na fala do português brasileiro no que se refere ao item selecionado nas regiões destacadas para esta apresentação.

Georgiana Márcia Oliveira Santos ([gsantos\\_23@yahoo.com.br](mailto:gsantos_23@yahoo.com.br))  
Universidade Federal do Maranhão

#### **A VARIAÇÃO NO CAMPO SEMÂNTICO-LEXICAL VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS: UMA ABORDAGEM GEOSOCIOLINGUÍSTICA COM BASE NO CORPUS CONSTITUÍDO PARA O ALiMA**

A língua é um fenômeno sociocultural heterogêneo em função da ação de fatores como idade, sexo, localidade, escolaridade, etc. Nessa perspectiva, o Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA vem investigando amplamente a variação no português maranhense a partir de estudos, por exemplo, sobre o aspecto semântico-lexical, uma vez que esse aspecto reflete, de forma especial, a vital heterogeneidade de uma língua. Para enriquecer os estudos já desenvolvidos pelo ALiMA, esta pesquisa, em andamento, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e da Geossociolinguística, tem o objetivo de investigar o léxico maranhense no campo *Vestuário e Acessórios* constitutivo tanto do Questionário Semântico-Lexical – QSL do ALiMA quanto do ALiB aplicado no Maranhão. Assim, o *corpus* deste trabalho é constituído pelas respostas dadas às questões 212 a 220 do QSL desses Atlas e a análise dos dados tem permitido evidenciar a variação lexical maranhense ocorrida nesse campo e identificar fatores diatópicos, diastráticos e diageracionais que influenciam a ocorrência dessa variação. Dessa forma, esta pesquisa já evidencia a interferência, por exemplo, do fator diageracional na variação desse campo, a propósito da recorrência da variante *rouge* no grupo da faixa etária II (50 a 65 anos), e *blush*, no grupo da faixa I (18 a 30 anos). Além disso, este trabalho contribuirá para o desenvolvimento de estudos comparativos no que concerne aos resultados obtidos nesse campo em outros estados. Seguindo a metodologia do ALiB e do ALiMA, os informantes desta pesquisa são mulheres e homens, das faixas etárias I e II, de, inicialmente, 05 municípios maranhenses.

Ingrid Oliveira ([oliver.ingrid@hotmail.com](mailto:oliver.ingrid@hotmail.com))  
Orientadora: Carolina Serra ([carolserrafri@gmail.com](mailto:carolserrafri@gmail.com))  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **APAGAMENTO DO R EM CODA SILÁBICA EXTERNA: A REGIÃO SUL DO BRASIL**

A partir de dados do projeto ALiB, focalizamos neste trabalho o fenômeno variável de apagamento do **R**, em posição de coda silábica final (dize**R**), confrontando o comportamento linguístico de indivíduos de três cidades do interior da região sul: Criciúma (SC), Caçapava do Sul (RGS) e Guarapuava (PR). Serão utilizadas amostras de fala (discurso semidirigido) de indivíduos com baixo grau de escolaridade (até a quarta série do Ensino Fundamental), de ambos os gêneros e de duas faixas etárias distintas -- de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos. Nosso objetivo principal é verificar o avanço do cancelamento do rótico em coda silábica externa no Sul do país. Nos dialetos dessa região a consoante mantém-se ainda como uma vibrante ápico-alveolar; nossa hipótese portanto é a de que há uma frequência ainda baixa de cancelamento em coda, se comparada a de cidades como Rio de Janeiro e Salvador, que apresentam pronúncias do **R** mais posteriorizadas (fricativa velar/fricativa laríngea), e onde o apagamento em posição de coda final é quase categórico (CALLOU; SERRA, 2012). Com base no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994) e da teoria da hierarquia prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986), pretende-se investigar a atuação de fatores linguísticos e sociais na aplicação do processo, além do seu encaixamento na estrutura prosódica da língua: quanto mais alta a fronteira prosódica maior seria a tendência à preservação, o que poderia explicar a diferença de índices de apagamento em fronteiras interna e externa à própria palavra (CALLOU; SERRA, 2013; CALLOU; SERRA, 2015). Resultados preliminares apontam, para a cidade de Criciúma, um índice de apagamento do **R** de 94% em verbos e 3% em não-verbos. O comportamento em Caçapava do Sul foi semelhante, com 88% de apagamento em verbos e 9% em não-verbos.

**Josane Moreira de Oliveira** ([josanemoreira@hotmail.com](mailto:josanemoreira@hotmail.com))  
Universidade Estadual de Feira de Santana / Universidade Federal da Bahia

## **O IMPERATIVO VERBAL NO NORDESTE BRASILEIRO: UM CASO DE VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA**

A expressão do imperativo verbal é variável no português do Brasil, podendo ser realizada com formas de subjuntivo (*pegue, traga, venha*) ou com formas de indicativo (*pega, traz, vem*). Embora a prescrição gramatical associe as primeiras formas ao pronome *você* e as segundas formas ao pronome *tu*, o que se observa é que ambas as formas ocorrem em áreas dialetais em que também ambos os pronomes estão em variação. Os resultados de pesquisa feita a partir de dados das capitais brasileiras, coletados nos inquéritos realizados pelo Projeto ALiB, apontam que o imperativo com a forma de indicativo predomina no português brasileiro (65% de um total de 2535 ocorrências) e que o imperativo com a forma de subjuntivo – considerada conservadora – subsiste nas capitais do Nordeste (com exceção de São Luís), em Porto Velho e em Curitiba (OLIVEIRA, 2016). Com o objetivo de mapear essa variação no Brasil, que é ao mesmo tempo dialetal e sociolinguística, e avançando a pesquisa pelas cidades do interior do Brasil, apresentam-se aqui os resultados da análise dos dados de cidades do Nordeste do Brasil, que integram a rede de pontos do Projeto ALiB. O estudo, a partir do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001, 2010), além da variável diatópica, considera também as variáveis extralinguísticas ‘sexo’ e ‘faixa etária’ e as variáveis linguísticas ‘polaridade da sentença’, ‘paradigma verbal’ e ‘extensão fonológica do verbo’. Os resultados apontam para um processo de mudança em curso, condicionado por fatores estruturais, sociais e diatópicos.

**Karilene da Silva Xavier** ([karilened@gmail.com](mailto:karilened@gmail.com))  
**Mayra Santana** ([mstn18@yahoo.com.br](mailto:mstn18@yahoo.com.br))  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **VARIAÇÃO E PROSÓDIA NO CORPUS DO ALiB: UMA ANÁLISE DOS RÓTICOS EM CODA NAS CAPITAIS DO SUL DO BRASIL**

Neste trabalho, pretende-se realizar uma análise complementar do comportamento variável dos róticos em coda medial e final, nas capitais da região Sul do Brasil, partindo-se dos resultados apresentados nas cartas F04C1, F04C2, F04C4, F04C5 e F04C6 do 2º volume do Atlas Linguísticos do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014). As amostras de fala utilizadas fazem parte do

*corpus* do Projeto ALiB (estratificado por gênero, faixa etária, nível de escolaridade e localidade de origem do falante), e foram selecionadas de todos os trechos da entrevista em que havia conversa entre inquiridor e falante, constituindo-se de fluxos maiores de fala, o que é imprescindível à análise prosódica e sociolinguística que se pretende realizar. Faz-se uso do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 1994), buscando testar a atuação das variáveis linguísticas: classe morfológica, dimensão do vocábulo, contexto antecedente, contexto subsequente, consoante subsequente, tonicidade da sílaba; e das variáveis sociais tradicionalmente testadas, e sua relação com o tipo de realização do segmento. Focalizando a coda final, lança-se mão ainda da teoria da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986/2007), para testar possível condicionamento prosódico ao fenômeno, a depender da localização do rótico em relação às fronteiras de palavra prosódica, sintagma fonológico ou sintagma entoacional (SERRA; CALLOU, 2013, 2015). A hipótese é de que quanto mais alta a fronteira prosódica maior a tendência à preservação do segmento, o que poderia explicar a diferença de índices diferenciados de apagamento em fronteira interna (coda medial) e externa (coda final) à própria palavra. Em relação à coda medial, intenta-se também verificar a atuação do léxico para o cancelamento e a taxa de frequência dos itens lexicais no *corpus*. A hipótese é de que itens frequentes são mais suscetíveis a mudanças sonoras (BYBEE, 1995), pois a repetição gera automatização dos gestos articulatórios e, então, redução de segmentos.

**Marcela Moura Torres Paim** ([marcelamtpaim@yahoo.com.br](mailto:marcelamtpaim@yahoo.com.br))  
Universidade Federal da Bahia

#### **OS FRASEOLOGISMOS NO CAMPO SEMÂNTICO CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL NAS CAPITAIS DO BRASIL**

**Resumo:** Vinculado ao Projeto VALEXTRA (Variação lexical: teorias, recursos e aplicações): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, convênio CAPES/COFECUB 838/15 celebrado entre a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Paris 13 (Laboratório LDI – Lexiques, Dictionnaires, Informatique), este trabalho objetiva, a partir do material coletado pela pesquisa do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, apresentar um estudo sobre a presença de fraseologismos nos dados referentes ao campo semântico *convívio e comportamento social* nas capitais brasileiras. O termo fraseologismo está sendo aqui concebido, conforme Tristá (1988), que considera esse campo do estudo da linguagem como um ramo da Linguística que tem por objeto de estudo a análise de combinações de palavras as quais formam novas unidades lexicais ou têm o caráter de expressões fixas, como se ilustra com *mão de vaca*, *unha de fome* (variantes de *peessoa sovina*); *mulher de vida fácil*, *mulher de programa* (variantes de *prostituta*) dentre outras. Parte-se do princípio de que por unidade fraseológica se entende toda e qualquer frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal, utilizada pelos falantes em situações comunicativas específicas e cujo significado do todo não resulta da soma do sentido das partes. No que diz respeito aos fraseologismos analisados podem-se fazer algumas considerações preliminares: as criações lexicais analisadas contemplam a polilexicalidade; as unidades fraseológicas refletem a estabilidade no sentido atribuído por Tristá (1988) de relação tão estreita entre os elementos que os leva a perderem o significado primário para adquirirem um novo sentido. Assim, as designações enfocadas possibilitam a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil.

**Priscila Francisca dos Santos** ([prisciladossantoss@hotmail.com](mailto:prisciladossantoss@hotmail.com))  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

#### **A VARIAÇÃO ENTONACIONAL NO RIO GRANDE DO SUL: AS INTERROGATIVAS TOTAIS**

Esta pesquisa prevê a análise dos aspectos prosódicos de enunciados interrogativos totais de 10 municípios do Rio Grande do Sul: Bagé, Chuí, Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Santana, São Borja, Flores da Cunha e Santa Cruz do Sul a fim de descrever as suas características melódicas intrínsecas. Para tal, utilizar-se-ão como suporte teórico os princípios da Fonologia Entoacional, encontrados em Pierrehumbert (1980), Ladd (1986) e Prieto (2003), e da Fonologia Prosódica, encontrados em Nespor e Vogel (1986). O *corpus* utilizado para a feitura da pesquisa provirá do Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB), o qual se

fundamenta nos princípios gerais da Geolinguística, priorizando a variação espacial ou diatópica. Através desta pesquisa, busca-se verificar se os padrões melódicos descritos por Moraes (2008), para as interrogativas totais neutras do Português do Brasil (doravante PB), e por Silva (2011), para as interrogativas totais do Rio Grande do Sul, também se farão presentes nos municípios interioranos do estado em foco. Serão ouvidos quatro informantes em cada cidade, dois homens e duas mulheres distribuídos equitativamente por duas faixas etárias: 18-30 anos e 50-65 anos. Os enunciados selecionados devem obedecer aos seguintes critérios: a) constituir um único sintagma entoacional (I), de acordo com a hierarquia prosódica apresentada em Nespor e Vogel (1994); b) apresentar uma elocução neutra, isto é, desprovida de manifestações de foco ou ainda de expressões de sentimento ou atitude; e c) possuir uma qualidade sonora adequada para a segmentação silábica e medição dos valores da Frequência Fundamental. A análise dos dados será feita com o auxílio do programa computacional Praat.

**Vanderci de Andrade Aguilera ([vanderciagui@gmail.com](mailto:vanderciagui@gmail.com))**  
**Universidade Estadual de Londrina/CNPq**

### **UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LEXICAL NO CAMPO DA VIDA URBANA**

Para o Campo da *Vida Urbana*, o Questionário Semântico Lexical do Atlas Linguístico do Brasil traz nove questões das quais selecionamos as respostas para: *semáforo* (194), *lombada* (195), *calçada* (196), *meio-fio* (197), *rotatória* (198) e *terreno* (199). Este trabalho tem como objetivos: (i) descrever o quadro de variantes das capitais por estado e por região; (ii) fazer uma análise motivacional das variantes coletadas (CONTINI, 2007; ALINEI, 1995) e (iii) verificar se há interferência de alguma variável extralinguística no caso de denominações predominantes na localidade ou região. O *corpus* constituído indica que a maioria das questões acima não propiciou respostas polimórficas, exceto as de nº 197 e 198. No cômputo geral das respostas dadas, a propósito da Questão 197, *meio-fio* lidera, ocorrendo, porém, variantes regionais, como *sarjeta*, *guia*, *cordão*, *coxia* e *fio-de-pedra*, entre outras; a Questão 198, a mais polimórfica, apresenta 25 variantes, mas apenas quatro (*retorno*, *rotatória*, *contorno* e *rótula*) apresentaram índices mais elevados. Quanto às demais, temos: (a) para a Questão 195, foram registradas as variantes *lombada* e *quebra-molas*; (b) para a Questão 196, obtivemos 216 registros dos quais se destacam *calçada* e *passeio*; (c) sobre a Questão 199, destacamos apenas as variantes *terreno* e *lote*. Os dados das capitais para *semáforo* constam do volume 2 do ALiB (CARDOSO *et al*, 2014). Os dados apontam, também, que a metáfora parece ser o recurso mais utilizado na criação de nomes para os novos referentes urbanos. Da mesma forma, observamos que as diferenças dialetais no Brasil, no que se refere ao léxico, ocorrem não só no plano diatópico, mas também diastrático, uma vez que denominações menos frequentes foram registradas junto a falantes do nível fundamental de ensino.